

**“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS**

**DA EDUCAÇÃO BÁSICA
À PESQUISA ACADÊMICA”**



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DA FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jhonathan Martins da Costa

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

Eixo 3 - Educação, Trabalho e Emancipação

Este estudo propõe um relato de experiência da figura masculina docente na escola pública de Educação Infantil Monteiro Lobato, localizada na cidade de Rio Branco. Vinculado às análises teóricas na disciplina Trabalho Docente, Cuidado e Classes Sociais do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Objetiva-se refletir neste relato, sobre os desafios para a aceitação por parte da comunidade escolar da figura masculina como docente no âmbito da Educação Infantil, um ambiente fortemente ligado à figura feminina e ao cuidado.

O laboratório prático deste estudo ocorreu na escola de Educação Infantil Monteiro Lobato, vinculada a Secretaria Municipal de Educação de Rio Branco. Uma instituição pública, que oferta pré-escola, para crianças de 4 e 5 anos de idade, no período matutino e vespertino, estruturada com 6 salas de aula, sala de recurso multifuncional, quadra poliesportiva, brinquedoteca e área verde, com capacidade para atender 300 crianças. O relato apresentado foi uma experiência vivenciada pelo autor deste trabalho, no primeiro semestre letivo de 2023, na qual foi apresentado como professor do atendimento educacional especializado da escola, sendo no período mencionado a única figura masculina no corpo docente da educação especial.

O relato possui como problemática “a aceitação da figura masculina como docente na Educação Infantil, numa contraposição a figura docente feminina e o cuidado predominante nesta modalidade de ensino”. Importante destacar que o cuidado

e o assistencialismo, são dois elementos que acabam por justificar “a predominância de mulheres à medida que os estereótipos que são atribuídos a elas se relacionam à habilidade natural para o cuidado com as crianças” (Carvalho apud Oriani 2011, p. 10).

Historicamente, a sociedade busca estabelecer sobre o gênero, valores culturais que acabam resultando em aspectos individuais sobre elementos pertencentes à figura masculina e feminina. O campo de atuação profissional é um destes elementos, e no caso da educação, principalmente nas escolas de Educação Infantil, não é diferente nela a presença da mulher institui-se como indispensável para o bom funcionamento da mesma, assim, Saporoli (1996) afirma que “a Educação Infantil sempre se constitui em um gueto feminino no que se refere à docência”. Torna-se necessário, portanto, o debate sobre a inclusão da figura masculina e sua aceitação na comunidade escolar no contexto em que Educação Infantil se caracteriza.

Dentro deste espaço de dominação feminina, recordo-me que o primeiro desafio instituído a minha pessoa, ocorreu ainda no processo de lotação, mesmo na condição de professor concursado na secretaria municipal de educação de Rio Branco, senti “preconceito” por parte do departamento de lotação, quando fui indagado se tinha conhecimento de que estava solicitando minha lotação para uma escola de Educação Infantil. Ao responder que sim, a servidora foi mais enfática e indagou se eu estava “preparado” para lidar com crianças. Ali, comecei a questionar se minha decisão de trocar o ensino fundamental para o ensino infantil estaria certa. Vale destacar que muito desses questionamentos vinculam-se pela questão do cuidado, como menciona Sayão:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. [...] os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (Sayão, 2005, p. 17).

Ao chegar na escola fui muito bem recepcionado pela diretora, recém-eleita gestora da unidade e pela coordenadora pedagógica, posteriormente, posso relatar a “surpresa” de alguns servidores principalmente das atendentes e das professoras regentes que não disfarçavam a surpresa de ter um homem como colega de trabalho. Durante nossos planejamentos pedagógicos antes do início do ano letivo, percebia uma certa ansiedade das professoras regentes, referente a algumas questões, principalmente se eu aceitaria participar das atividades lúdicas que estavam sendo planejadas, se eu estava disposto a confeccionar materiais, como que eu iria organizar a minha sala para

recepcionar as crianças, mas, principalmente como eu me comportaria referente aos aspectos vinculado ao “cuidado”.

Com o início do ano letivo, realizou-se a acolhida das crianças e dos responsáveis destas, posteriormente, fizemos o chamamento para o ato de matrícula e anamnese dos alunos que participariam do atendimento educacional especializado. Recordo-me que durante este período de apresentação para matrícula no AEE, por três momentos diferentes, as mães ao adentrarem na sala me perguntaram se eu sabia onde estava “a professora do AEE” ao responder que eu era quem elas procuravam não escondiam a surpresa, e uma delas, o próprio desconforto de ter sua filha autista atendida por um docente homem numa sala separada sem o aporte de uma profissional feminina.

Elementos como esses que geram conflito de gênero sempre estiveram presentes na educação, principalmente no ensino infantil quiçá quando atrelado a profissionais da educação especial. Uma das estratégias que eu adotava era sempre atender as “alunas” com a porta da sala aberta, mesmo no calor do verão amazônico brasileiro, quando passei a adotar esta estratégia consegui aumentar o número de frequência das alunas no AEE e melhorar as relações de confiança com as famílias.

Atualmente, com o aporte teórico que tenho tido na disciplina já mencionada neste texto pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC começo a refletir sobre a naturalização por parte das professoras no que se refere ao cuidado inerente à Educação Infantil. Pesquisas apontam que homens e mulheres definem sentidos diferentes ao trabalho do magistério, onde fica nítido esta característica do cuidado, por parte das professoras, que atribuem conforme afirmam Neves, Brito e Muniz (2019) “a afetividade, entrando em ressonância profissão e maternidade”.

A respeito do comportamento familiar para com o professor destacado anteriormente, Arce (2001) relata alguns aspectos na qual as pessoas acabam por direcionar a Educação Infantil como uma responsabilidade feminina, muito atraído por questões culturais nas quais a sociedade estabelece o trabalho doméstico e o cuidado a maternidade, portanto, como característica feminina indispensável para a educação na primeira infância. Nessa relação, podemos considerar o fato de que:

a “tia” é vista como uma substituta da mãe, pessoa adequada para o trabalho feminino de cuidar de crianças pequenas, pois chamá-la de mãe não seria possível, mas associá-la a outro membro da família atenuaria o choque da separação da mãe, aliviando, ao mesmo tempo, a culpa sentida pela mãe de ter que abandonar seu filho nas mãos de uma pessoa estranha. Por não ser

aquela que dá à luz a criança e que amamenta, essa mulher passa a ser a que cuida com carinho, paciência, amor e bondade, caracterizando-se como uma personagem secundária, à qual não cabe, portanto, a tarefa de ensinar, devendo evitar a todo custo que a criança sofra por sentir-se separada do seu lar (Arce, 2001, p. 174).

Tardif e Lessard (2009) contribuem nesse debate ao trazerem que a grande maioria dos docentes na educação básica são professoras. Inclusive aborda que historicamente o trabalho doméstico que a mulher executa em casa contribui para o cuidado dentro do ambiente escolar. E aprofundam-se quando discorrem que “o investimento afetivo [...] a centralização no outro, constituem traços típicos do trabalho tradicional das mulheres em nossas sociedades, tanto as mulheres do lar quanto as que trabalham no ensino, na saúde e em outros serviços de ajuda”.

O relato de experiência tratado neste trabalho é apenas um contributo pessoal e introdutório que visa debater uma questão ainda silenciada referente a aceitação da figura masculina como profissional habilitado, estando estes aptos a executarem e cumprirem com todos os elementos necessários que a modalidade de ensino necessita. Além de reconhecer a igualdade a todos, nossa legislação atual criminaliza a segmentação de gênero sobre qualquer atividade profissional, porém, indiretamente identificam-se barreiras elencadas pela questão do gênero na atuação docente da figura masculina na Educação Infantil, onde por exemplo a higienização das crianças institui-se como uma atividade exclusivamente feminina e a manutenção da “ordem” destes espaços institucionais um dever do homem, apontando que há uma necessidade de desconstrução do “preconceito” de gênero nesse ambiente, que por séculos tem reproduzido uma organização de atividades social já vencida por uma boa parte da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Prática Docente; Gênero; Cuidado.

REFERÊNCIAS:

ARCE, Alessandra. **Documentação Oficial e o Mito da Educadora Nata na Educação Infantil**. Cad. Pesquisa, jul. 2001, n. 113, p.167-184. ISSN 0100-1574.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Vozes masculinas numa profissão feminina: o que têm a dizer os professores**. In: LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION. Chicago, Illinois, 24-26 set. 1998. Disponível em: Acesso em: 03 abr. 2011.

NEVES, M. Y. R.; BRITO, J. C.; MUNIZ, H. P. A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, supl. 1, p. 1-4, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/hG7mMsK9BtdgCwpw8bzPtNp/?lang=pt>. Acesso em: 06 agosto. 2023.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. A educação infantil e gênero: a participação dos homens como educadores infantis. Psicologia da educação: **Revista do Programa de estudos pós-graduados em Psicologia da Educação**. São Paulo: EDUC, n. 6, 1997, p. 107-205.

SAYÃO, D. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creche. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. 272 f.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. Os trabalhos e os dias. In: **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 163-194.